

MÉTODO FONOMÍMICO Paula Teles®

Abecedário e Silabário

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual a competência leitora é uma das mais importantes competências cognitivas e comunicativas. A leitura é o “veículo” que permite o acesso a todos os outros saberes. Ensinar as crianças a ler e a escrever, a expressar as suas ideias com clareza são das mais importantes funções dos professores.

Porque o baixo nível de capacidade leitora afeta seriamente todas as áreas da vida, o conhecimento das suas causas, dos processos cognitivos envolvidos na sua aquisição e a elaboração de métodos de ensino mais eficientes, são uma necessidade e um desafio que se colocam com urgência a pais e educadores.

Como resposta a esta necessidade e desafio, apoiada nos conhecimentos resultantes da investigação científica e nos resultados da prática psico-pedagógica, como professora e psicóloga educacional, ao longo de mais de quatro décadas, fui desenvolvendo e aperfeiçoando diversos materiais, que fui partilhando com colegas e pais.

Assim foram nascendo e tomando forma os diversos materiais que deram origem ao **MÉTODO FONOMÍMICO Paula Teles®**, um método de ensino da Leitura e da Escrita, Fónico e Multissensorial.

O meu propósito é que os professores e os pais das crianças com dislexia, ou outras dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, encontrem neste trabalho um recurso útil a nível da atualização, reflexão e consolidação do conhecimento sobre este tema e possam dispor de materiais e estratégias de intervenção que os apoiem no seu trabalho diário.

LINGUAGEM FALADA E LINGUAGEM ESCRITA

Falar, ouvir a fala, ler e escrever são atividades linguísticas. A linguagem escrita é uma competência que se apoia na linguagem falada e entre ambas existe uma relação de influência recíproca.

Pese embora esta relação de interdependência e reciprocidade, existem entre ambas enormes diferenças não só a nível dos processos cognitivos que lhe estão subjacentes, mas também a nível filogenético e ontogenético.

A nível filogenético o seu aparecimento surgiu com uma enorme distância temporal. A linguagem falada surgiu há cerca de 50 mil anos. O *Homo sapiens sapiens* já utilizava a fala como modo de comunicação. Existe uma predisposição biológica para a linguagem oral, a linguagem é inata.

A linguagem escrita alfabética surgiu há cerca de 3500 anos, é uma competência muito recente na história da humanidade, é um produto da sua evolução histórica e cultural.

A nível ontogenético também a linguagem falada precede a linguagem escrita. As crianças aprendem as primeiras palavras por volta dos doze meses de idade e só iniciam a aprendizagem da leitura, por volta dos cinco ou seis anos, quando iniciam a escolaridade.

A linguagem falada é adquirida naturalmente. As vocalizações, as palavras, as frases e a fluência verbal surgem na mesma sequência em prazos cronológicos idênticos.

A espécie humana possui um processamento fonológico implícito, ou automático, isto é, sem atenção consciente e sem esforço, que permite estabelecer relações entre os sons da fala e o seu significado. Aprende-se a falar naturalmente sem necessidade de ensino formal e explícito.

A linguagem escrita foi inventada pelo homem, não segue um processo biologicamente determinado, utiliza códigos específicos para representar a fala. Estes códigos não são aprendidos naturalmente, necessitam de ser ensinados explicita e formalmente.

Para aprender a ler e a escrever, numa escrita alfabética, é necessário tornar explícito, tornar consciente, o que na linguagem oral é um processo cognitivo implícito e inconsciente.

Esta aprendizagem é difícil para algumas crianças. A tomada de consciência desta dificuldade tem incentivado a realização de inúmeros estudos com o objetivo de encontrar uma explicação neurocientífica para as suas causas, para os processos cognitivos que lhe estão subjacentes e para a elaboração de métodos de ensino que facilitem a sua aprendizagem.

DISLEXIA

1. Que definição?

Desde que a dislexia mereceu a atenção da comunidade científica, a procura de uma definição tem sido uma questão recorrente.

Em 2003, a Associação Internacional de Dislexia propôs a seguinte definição: “Dislexia é uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica.

Estas dificuldades resultam de um Défice Fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas.

Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora e experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.”

Esta definição veio clarificar algumas questões:

- A dislexia tem origem neurobiológica;
- A suas características distintivas são as dificuldades específicas a nível da leitura e da ortografia;
- Estas dificuldades são causadas por um défice fonológico;
- Todas as outras competências cognitivas são independentes deste défice.

Em 2013, o Manual de Diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais, DSM V, incluiu o termo “Dificuldades Específicas de Aprendizagem” e define os critérios de diagnóstico:

A. Dificuldades na aprendizagem e na aplicação das competências académicas, que persistem, por um período de pelo menos 6 meses, apesar de ter sido proporcionada intervenção adequada. Presença de, pelo menos, um dos seguintes sintomas:

1. Leitura de palavras incorreta, ou lenta e esforçada.
2. Dificuldade em compreender o significado do que é lido.
3. Dificuldades na ortografia.

4. Dificuldades na expressão escrita.
 5. Dificuldades em dominar o sentido de número, os fatos numéricos e o cálculo mental.
 6. Dificuldades no raciocínio matemático.
- B. As competências académicas afetadas são substancialmente, e quantitativamente, inferiores ao esperado para a faixa etária e interferem, significativamente, nas atividades escolares, quotidianas e profissionais.
- C. As dificuldades iniciam-se em idade escolar, mas podem manifestar-se apenas na idade adulta.
- D. Para concluir o diagnóstico devem ser eliminados défices cognitivos, visuais e auditivos, problemas mentais e neurológicos e condições adversas (problemas psicossociais, ensino inadequado...).

Nota: Dislexia é um termo alternativo usado para referir um padrão de dificuldades caracterizado por problemas com o correto e fluente reconhecimento das palavras, descodificação e ortografia pobres. Se o termo Dislexia for usado é também importante especificar as dificuldades adicionais que estão presentes, como as dificuldades na compreensão e no raciocínio matemático.

2. Qual a sua origem?

Até há poucos anos pensava-se que a dislexia era uma perturbação comportamental que primariamente afetava a leitura. Os recentes conhecimentos da genética molecular e as novas tecnologias de imagem vieram contribuir para a construção de um conhecimento mais rigoroso desta perturbação. Os estudos genéticos mostram que a dislexia é uma perturbação parcialmente herdada. Os estudos neuroanatómicos mostraram diferenças, a nível da estrutura cerebral, entre os leitores eficientes e os leitores disléxicos.

Os estudos funcionais, ao permitir observar o funcionamento cerebral durante as atividades de leitura, identificaram diferenças entre os leitores eficientes e os leitores disléxicos. Estes estudos vieram facultar uma prova visível e incontornável. A Perturbação da Leitura e Escrita – Dislexia e Disortografia – é uma perturbação de génese neurobiológica, de base genética, causada por um défice no funcionamento das zonas cerebrais intervenientes nas atividades de leitura, um défice fonológico.

Este défice fonológico dificulta a discriminação e processamento dos sons da fala, a consciência de que a fala é formada por palavras, as palavras por sílabas, as sílabas por fonemas e o conhecimento de que os caracteres do alfabeto são a representação gráfica desses fonemas.

O défice fonológico afeta unicamente a descodificação. Todas as competências cognitivas superiores, necessárias à compreensão, estão intactas: a inteligência geral, o vocabulário, a sintaxe, o discurso, o raciocínio e a formação de conceitos.

3. Quais as suas manifestações?

As manifestações da dislexia variam de pessoa para pessoa dependendo do grau de severidade, da precocidade e da eficiência da intervenção. As manifestações mais comuns são perturbações da linguagem expressiva, dificuldades na memorização de lengalengas e rimas e dificuldades na aprendizagem da leitura e da ortografia.

Se não houver uma intervenção, atempada e eficiente, estas dificuldades poderão afetar a autoestima, a autoconfiança, a motivação em relação às aprendizagens e conduzir ao abandono escolar. A dislexia situa-se num contínuo de dificuldades desde as mais ténues às mais severas, segue o modelo da curva de Gauss em que existe uma continuidade entre população disléxica e não disléxica.

Tal como os comportamentos se modificam ao longo do tempo, também os sintomas da dislexia melhoram com a aprendizagem e as intervenções compensatórias, contudo o défice fonológico, que lhe está subjacente, persiste ao longo da vida. A dislexia não é uma perturbação que apenas aparece na idade escolar e que desaparece na vida adulta, não é uma preocupação exclusiva da infância, é um “fardo” que se tem de carregar por toda a vida.

4. Quais os indicadores?

Sendo a dislexia uma perturbação causada por dificuldades a nível do processamento fonológico, manifesta-se, por vezes, a nível da linguagem oral antes do início da aprendizagem da leitura.

No jardim-de-infância e pré-escolar: atraso na aquisição da linguagem; palavras mal pronunciadas; linguagem “bebé” persistente; dificuldade em memorizar (lengalengas, rimas, nomes das cores, noções temporais...); em aprender os nomes das letras e em escrever o seu nome.

No 1.º ano de escolaridade: dificuldades fonológicas (identificação, substituição e deleção de sílabas e fonemas); em aprender as correspondências grafema-fonema; em aprender o princípio alfabético; em fazer a fusão fonémica e as fusões silábicas sequenciais; em segmentar as palavras em sílabas e fonemas; em automatizar a leitura; queixas em relação à dificuldade de leitura; recusa ou adiamento sistemático das tarefas de leitura; história familiar de dificuldades leitoras e ortográficas.

A partir do 2.º ano de escolaridade: progresso muito lento na aprendizagem da leitura; leitura oral sincopada, trabalhosa, apoiada no contexto; erros de substituição, omissão e adição de fonemas; dificuldades em ler palavras desconhecidas, multissilábicas e funcionais; falta de gosto pela leitura recreativa; os trabalhos de casa parecem não ter fim; ortografia desastrosa; escrita irregular, por vezes ilegível...

5. Mitos e terapias não suportadas pela investigação científica

O desconhecimento das causas e do tipo de défices subjacentes à dislexia contribuíram para o surgimento de diversos mitos:

- Deve evitar-se diagnosticar as crianças disléxicas;
- Existe uma relação entre dislexia e inteligência;
- Só se deve reeducar depois do insucesso escolar;
- É uma dificuldade temporária;
- É um problema de visão;
- É um problema psicomotor e de orientação espacial.

Estes mitos deram origem a intervenções terapêuticas sem qualquer validação científica:

- Utilização de lentes prismáticas ou lentes coloridas;

- Utilização de “ouvido dicotômico”;
- Treino psicomotor e de lateralidade;
- Utilização de leitoris, apoios de pés, colchões e sapatos ortopédicos;
- Terapêuticas farmacológicas.

MATERIAIS QUE PRECEDEM O ABECEDÁRIO E SILABÁRIO

O **MÉTODO FONOMÍMICO Paula Teles**® é constituído por diversos materiais especificamente elaborados para ensinar as diferentes competências envolvidas na aprendizagem da leitura e da escrita.

Para ler, decodificar o código escrito, é necessário saber que a fala é formada por palavras – Consciência das Unidades Lexicais; de que as palavras são formadas por sílabas – Consciência Silábica; de que as sílabas são formadas por fonemas – Consciência Fonémica; e de que as letras do abecedário têm um nome e correspondem a um, ou mais, sons da fala – Conhecimento do Princípio Alfabético.

Os Cartões Fonomímicos, as Cantilenas do Abecedário e o livro A Magia dos Sons das Letras são os materiais que precedem o Abecedário e Silabário. Foram elaborados com o objetivo de desenvolver a consciência silábica e fonémica, iniciar a aprendizagem do princípio alfabético e as correspondências fonema-grafema.

As crianças observam as imagens de cada “animal-fonema”, ouvem e cantam as suas histórias-cantilenas, mimam os respetivos gestos, descobrem e memorizam as relações entre os sons da fala e as letras do alfabeto. Através destas atividades, atrativas e divertidas, as crianças sentem-se estimuladas e motivadas a iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita.

Os Cartões Fonomímicos, as Cantilenas do Abecedário e o livro A Magia dos Sons das Letras podem ser utilizados nos diversos anos de escolaridade simultaneamente com o Abecedário e Silabário e os livros A Magia da Leitura 1, 2 e 3, sempre que estas competências ainda não estejam automatizadas.

Abecedário e Silabário

Diversos estudos referem que o ensino da leitura e da escrita deve ser sistemático e cumulativo, seguindo a sequência lógica da aquisição da linguagem oral. Deve iniciar-se com os elementos mais básicos e fáceis, progredindo gradualmente até aos mais complexos e difíceis.

Após a aquisição da consciência silábica e fonémica e das correspondências fonema-grafema, com o recurso aos Cartões Fonomímicos, às Cantilenas do Abecedário e ao livro A Magia dos Sons das Letras, é necessário aprender a ler conjuntamente dois, ou mais, fonemas, isto é, a realizar a **Fusão Fonémica**.

A Fusão Fonémica, a leitura conjunta de dois, ou mais, fonemas é referida por diversos investigadores como a tarefa com maior grau de dificuldade para o leitor iniciante.

A leitura de sílabas não pode ser realizada como se de fonemas adjacentes se tratasse. Para ler uma sílaba é necessário fazer uma operação mental de fusão, de integração, dos fonemas que a constituem. Se pronunciarmos “pê” e “a” não conseguimos chegar à pronúncia de “pá”, mas sim “pê-a”, por mais rápido que pronunciemos os dois fonemas em sequência.

A operação mental de fusão fonémica é crucial na aprendizagem da leitura. O seu ensino deve ser iniciado logo que forem apresentados os dois primeiros grafemas - fonemas e prosseguir de forma continuada à medida que forem sendo ensinadas novas correspondências grafo-fonémicas.

Os leitores disléxicos têm dificuldades acrescidas neste complexo processo de fusão fonémica porque manifestam também défices a nível da memória fonológica de trabalho, da capacidade de nomeação rápida e de automatização.

Porque é uma operação de difícil aquisição, necessita ser explicitamente ensinada e treinada até à sua realização com sucesso. Da sua automatização depende a capacidade de aceder à leitura sequencial das sílabas que formam as palavras – de realizar as **Fusões Silábicas Sequenciais** – de as guardar na memória de trabalho e de encontrar a pronúncia correta para poder aceder ao significado das palavras lidas – à leitura compreensiva.

A automatização da fusão fonémica e das fusões silábicas sequenciais é, pois, indispensável a uma leitura correta, fluente e compreensiva.

1. Quais os seus objectivos?

O Abecedário e Silabário foi elaborado na sequência e em complementaridade com os Cartões Fonomímicos.

Tem como objetivos:

- Consolidar e automatizar os conteúdos ensinados nos Cartões Fonomímicos e Cantilenas do Abecedário;
- Ensinar a ler conjuntamente dois, ou mais, fonemas, ou seja, ensinar a realizar a operação mental de **Fusão Fonémica** e treinar até conseguir a sua automatização;
- Ensinar a ler em sequência várias sílabas, isto é, a realizar as **Fusões Silábicas Sequenciais**, competência necessária à leitura das palavras e textos apresentados nos livros A Magia da Leitura 1, 2 e 3.

Deve ser utilizado paralela e interativamente com os Cartões Fonomímicos e os livros A Magia da Leitura 1, 2 e 3 recorrendo a um, ou a outro, em função das competências que necessitam de ser aprendidas ou reforçadas.

2. A quem se destina?

Às crianças, sem quaisquer dificuldades, que estão a iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita, estimulando e otimizando estas aprendizagens.

Às crianças e jovens que revelam dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita e que necessitam de uma intervenção especializada.

Podem ser usados na sala de aula e nas sessões de apoio educativo, independentemente do método de ensino e do livro de Língua Portuguesa adotado.

Podem ser usados em casa, como apoio e reforço das aprendizagens escolares.

São materiais apelativos que facilitam uma reeducação multissensorial, sistemática e cumulativa que proporcionam um progresso significativo e quantificável das competências de leitura e de escrita.

3. Quais os critérios de elaboração?

O Abecedário e Silabário foi elaborado tendo em consideração os seguintes critérios:

Nas correspondências grafia → fonia são apresentadas:

- As letras vogais com duas correspondências fonémicas “i” e “u” seguidas das letras vogais com mais do que duas correspondências fonémicas “a” “e” “o”;
- As letras consoantes com apenas uma correspondência fonémica seguidas das letras consoantes com mais do que uma correspondência fonémica, os dígrafos e as regras contextuais;
- São apresentadas as consoantes “g” e “q” nos dígrafos “gue - gui” e “que - qui” em que a vogal “u” não se pronuncia;
- A referir que existem situações nas sílabas “gue - gui” e “que - qui” em que a vogal “u” é pronunciada (aguentei, antiguidade, cinquenta, tranquilo...).
- As letras vogais são representadas por cinco amigos, a Inês, o Ulisses, a Olga, a Aida e o Egas. Cada personagem é apresentada com uma imagem associada a uma “história-cantilena” e a um gesto;
- As letras consoantes são representadas por “animais-fonema”. Cada animal é apresentado com uma imagem associada a uma “história-cantilena” e a um gesto;
- Os ditongos orais e nasais são apresentados com imagens associadas a lengalengas;
- As fusões fonémicas são precedidas das imagens dos respetivos “animais-fonema”;
- As fusões fonémicas são apresentadas na forma de sílabas consoante-vogal CV, sílabas consoante-ditongo CVV, sílabas vogal-consoante VC, sílabas com regras contextuais, sílabas com dígrafos, sílabas consoante-vogal-consoante CVC e sílabas CCV (com a consoante l), sílabas CVC e CCV (com a consoante r), sílabas CVCC e CVCC, consoante-consoante-vogal-consoante CCVC e as sílabas consoante-consoante-vogal-consoante-consoante CCVCC;
- Os ditongos, sílabas e dígrafos utilizados foram retirados do *Portulex: uma base de dados lexical do vocabulário escrito do 1.º ao 4.º ano do Ensino Básico* (Teixeira, C. e Castro, S. L., 2006). Nas sequências silábicas foram também incluídas sílabas não existentes em palavras, a fim de treinar a automatização;
- Foram utilizadas letras com serifas (pequenos traços) porque fornecem mais informação;
- Com o objetivo de facilitar a leitura, foram utilizados diversos Sinais Diacríticos:

- Cores diferentes: letras vogais → cor vermelha; letras consoantes → cor azul (azul escuro e azul claro para diferenciar as que têm valores fonémicos diferentes); letras sem correspondência fonológica → cor amarela; consoante “h” nos dígrafos ch, lh, nh → cor-de-laranja;
- As vogais “e” e “i” são mágicas, quando estão depois das consoantes “c” e “g” fazem a magia de lhes mudar o som e a cor “c=s” e “g=j”;
- As letras vogais “e” e “o” às vezes são mentirosas, cresce-lhes um nariz, como o do Pinóquio, quando assumem os sons das letras “i” e “u” respetivamente.

- As letras vogais, quando têm sons nasais, são escritas “ä”, “ë”, “ï”, “ö”, “ü” para assinalar a saída do ar pelas duas narinas.

4. Como utilizar?

- Apresentar o Cartão Fonomímico correspondente a cada fonema → grafema, cantar a história-cantilena e fazer o respetivo gesto;
- No Abecedário Ilustrado identificar cada letra do alfabeto, dizer o nome e o som;
- Consultar o quadro das Correspondências Grafia → Fonia sempre que for sentida a necessidade de clarificar e refletir sobre as diferentes correspondências fonémicas de determinada letra;
- Identificar a personagem de cada vogal, cantar a história-cantilena e fazer o respetivo gesto. Treinar até realizar esta tarefa automaticamente;
- Ler a sequência das vogais no sentido esquerda → direita: **a** → **e** → **i** → **o** → **u** e no sentido inverso **u** → **o** → **i** → **e** → **a**. Para facilitar a memorização e a automatização poderá ser utilizado o xilofone. Colocar um autocolante, com as letras vogais escritas, sobre as teclas “dó – ré – mi – fá – sol” e tocar, nos dois sentidos, enquanto lê as sequências vocálicas;
- Ler as vogais alternadamente: **a** → **i** → **o** → **e** → **u**;
- Ler as vogais aleatoriamente: **?** → **?** → **?** → **?** → **?**;
- Ler duas vogais formando ditongos: **a + i** → **ai**; **e + u** → **eu**; **o + u** → **ou**;
- Identificar a personagem de cada consoante, cantar a história-cantilena e fazer o respetivo gesto. Treinar até realizar esta tarefa automaticamente;
- Ler cada consoante, dizer o seu nome e o seu som;
- Ler a consoante e as sequências silábicas no sentido esquerda → direita: **p** → **pa** → **pe** → **pi** → **po** → **pu** e no sentido inverso **pu** → **po** → **pi** → **pe** → **pa** → **p**. Utilizar também o xilofone nos exercícios com as consoantes;
- Ler a consoante e as sequências silábicas no sentido esquerda → direita, repetindo a consoante antes de cada sílaba: **p** → **pa** **p** → **pe** **p** → **pi** **p** → **po** **p** → **pu** e no sentido inverso **p** → **pu** **p** → **po** **p** → **pi** **p** → **pe** **p** → **pa**;
- Ler a consoante e as sequências silábicas alternadamente:
p → **pa** **p** → **pi** **p** → **pu** **p** → **pe** **p** → **po**;
- Ler a consoante e as sequências aleatoriamente: **p** → **?** → **?** → **?** → **?** → **?**;

- Ler as vogais, as consoantes e as sílabas no sentido vertical descendente e ascendente:

a → **pa** → **ta** → **ma**... **ma** → **ta** → **pa** → **a**;

	↓	↓	↓	↓	↓
+	a	e	i	o	u
p	pa	pe	pi	po	pu
t	ta	te	ti	to	tu
m	ma	me	mi	mo	mu
	↑	↑	↑	↑	↑

- Ler as sílabas na diagonal em sentido descendente ↘ e ascendente ↗:

pa → **te** → **mi**... **mi** → **to** → **pu**;

+	a	e	i	o	u
p	pa	pe	pi	po	pu
t	ta	te	ti	to	tu
m	ma	me	mi	mo	mu

- Ler sílabas em sequência, realizar fusões silábicas sequenciais de modo a formar palavras de dificuldade crescente:

pa + **to** → **pato**; **mo** + **ta** → **mota**; **tu** + **li** + **pa** → **tulipa**...